

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade

INOVAÇÃO SOCIAL, ABORDAGEM MULTINÍVEL E REAPLICAÇÃO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

SOCIAL INNOVATION, MULTILEVEL APPROACH AND REAPPLICATION: A POSSIBLE DIALOGUE

Ana Clara Aparecida Alves De Souza

RESUMO

A relação entre inovação social, abordagens multiníveis e os desafios para reaplicação desse tipo de inovação suscita um possível diálogo que permite uma melhor averiguação de características particulares à inovação social, bem como suas dimensões e possibilidades de transferência. A inovação social, conforme Mulgan (2006) refere-se a atividades e serviços inovadores, motivadas para atender a uma necessidade social. Tal tipo de inovação é predominantemente difundida por meio de organizações cujos objetivos principais são sociais. Este artigo busca descrever esses três elementos e permitir que emanem questionamentos sobre as relações de diálogos possíveis. O artigo não busca responder a uma questão específica, mas estimular o surgimento de inquietações sobre a relação entre essas esferas e explorações futuras possíveis. É possível que em um caso estudado, elementos multiníveis de inovação social diferentes possam emergir, outros já existentes possam ser identificados e complementados, contribuindo para a visualização de novas vias que permitam evoluir na discussão. Bignetti (2011) destaca o paradoxo que existe no fato de que, apesar da amplitude dos problemas e das desigualdades geradas pelas falhas do mercado, os estudos sobre inovação social ainda não representam uma parcela significativa na pesquisa acadêmica. Daí a importância de estimular a discussão nesse sentido.

Palavras-chave: Inovação Social, Multinível, Reaplicação.

ABSTRACT

The link between social innovation, multilevel approaches and challenges for reapplication of such innovation raises a possible dialogue that allows to better investigating particular characteristics of social innovation as well as its dimensions and transference possibilities. Social innovation, according to Mulgan (2006), refers to innovative activities, motivated to meet a social need. This kind of innovation is diffused predominantly through organizations whose main objectives are social. This article seeks to describe these three elements and it allows to emanate from questions about the relationship of possible dialogues. The article does not seek to answer a specific question, but encourages the emergence of issues about the relationship between these spheres and likely future holdings. It is possible that in a case study, multilevel elements from different social innovation can emerge, existing ones can be identified and complemented, contributing to visualize new ways to pave the discussion. Bignetti (2011) highlights the paradox that exists in the fact that, despite the extent of problems and inequalities generated by market failures, studies on social innovation have not represented a significant part in academic research yet. Hence the importance of stimulating discussions accordingly.

Keywords: Social Innovation, Multilevel, Reapplication.

1 INTRODUÇÃO

A inovação social diferencia-se da inovação em uma perspectiva mais tradicional pelo objetivo primeiro declarado, a melhoria da qualidade de vida de indivíduos em situação de exclusão ou cujas necessidades básicas que não sejam atendidas plenamente. A inovação em uma perspectiva mais geral e tradicional busca atender à demanda por lucro, diferenciação de mercado e vantagem competitiva.

A execução de iniciativas em inovação social é possível graças à interação entre atores diversos que têm como objetivo atender demandas sociais. Bignetti (2011) define inovação social como:

“O resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral” (p. 04).

Não há uma conceituação plenamente aceita de inovação social, discute-se bastante a pertinência do termo e as características de iniciativas que podem ser consideradas como inovações sociais, além da pouca importância acadêmica conquistada pela abordagem (Pol and ville (2009), Bignetti, (2011), Franz, Hochgerner and Howaldt (2012) e Phillips *et al* (2014).

Diante dessa construção, este artigo tem por objetivo destacar meios para a análise multinível da inovação social que possam ajudar a compreendê-la e abrir novas discussões a respeito dessa abordagem, bem como incentivar a ampliação de trabalhos que discutam esse tipo de inovação, dada a sua importância social. Além desse ponto, destaca-se uma alternativa para a reaplicação de inovações sociais através do *framework* proposto por Pozzebon (2014), que embora não se declare multinível, apresenta diferentes níveis de análise que permitiriam a verificação e adequação de uma inovação social específica no sentido de promover a sua reaplicação em diferentes contextos, desafio patente às inovações do tipo social.

Acredita-se que a análise multinível da inovação social pode permitir a emergência de evidências que ajudem a melhor definir as particularidades do conceito e encontrar meios de melhor estruturá-lo nas discussões seguintes, além de contribuir para a reaplicação de iniciativas.

O artigo está dividido em quatro seções, a começar por esta introdução. A seção seguinte destaca algumas discussões e conceituações sobre inovação social e a sua apreensão na visão de diferentes pesquisadores. A seção três trata de relações entre a inovação social e abordagens multiníveis. A seção quatro trata de reaplicação de inovações sociais, evidenciando um caminho de análise a partir de diferentes níveis. Encerra-se com as considerações finais que destacam proposições para trabalhos futuros.

Este trabalho busca servir de base para investigações empíricas que serão desenvolvidas pelos autores no sentido de melhor relacionar as ideias aqui apresentadas e aprimorar a percepção de como a inovação social e a abordagem multinível podem ser trabalhadas visando contribuir para novas descobertas e discussões.

2 INOVAÇÃO SOCIAL

A inovação social, conforme Mulgan (2006) refere-se a atividades e serviços inovadores, motivadas para atender a uma necessidade social. Tal tipo de inovação é predominantemente difundida por meio de organizações cujos objetivos principais são sociais.

Pinheiro Neto e Abreu (2015) destacam que dentre as mazelas que a inovação voltada à transformação social tem combatido, estão inseridos o desemprego e a miséria, e afirmam que tais elementos são constrangedores para os que lutam pela implementação de uma “outra” economia. Agostini e Vieira (2015) consideram a inovação social como um processo em que diferentes atores envolvem-se para solucionar vazios institucionais.

Moulaert *et al.* (2013) afirmam que nos últimos anos a inovação social teve um crescimento influente tanto em pesquisas sobre o tema quanto em termos políticos. Essa nova importância dada à inovação, em termos sociais, segundo os autores, reflete a insatisfação com os efeitos negativos da inovação em tecnologia, mercado, política e sistemas de governança, em aspectos sociais. Păunescu (2014) reforça que, embora a inovação social seja um campo de pesquisa recente, tem despertado bastante interesse de estudiosos nos últimos dez anos, especialmente por tratar de questões sociais urgentes, tais como: pobreza, fome, doenças e injustiças sociais.

Mulgan (2006) afirmam que milhares de exemplos podem ilustrar que inovações sociais bem sucedidas puderam migrar das “margens” para o *mainstream*. Entretanto, apesar dessa tendência o processo de inovação social segue pouco estudado. No campo acadêmico tem recebido pouca atenção e raramente vai além de anedotas e generalizações vagas, essa negligência reflete na falta de atenção prática à inovação social.

Para Howaldt e Schwarz (2010) a inovação social é uma nova combinação ou configuração de práticas sociais em determinados contextos sociais, motivadas, intencionalmente, por atores ou grupos de atores e direcionadas com o objetivo de melhor satisfazer necessidades e resolver problemas com base em práticas estabelecidas.

Franz, Hochgerner e Howaldt (2012), afirmam que a definição de inovação social como “inovações que são sociais tanto nos seus fins quanto nos seus meios”, comumente apresentada, é tautológica, pois leva a crer que a inovação social é intencional. Essa intencionalidade, segundo os autores, é o que diferenciaria a inovação social da mudança social, pois esta simplesmente acontece. Questiona-se se toda inovação social realmente pretende ser social e / ou utiliza-se de meios sociais e, a partir dessa reflexão, afirma-se que muitas inovações sociais não foram intencionais. Franz, Hochgerner e Howaldt (2012) destacam as relações introduzidas pelo McDonalds, como uma inovação social, por conta das novas dinâmicas de interação criadas entre as pessoas que consomem o produto, como comer fora sozinho sem sentir isso como algo dramático. Embora a prioridade seja o lucro e o mercado, afirma-se que houve inovação social não intencional, pois economia também é sociedade.

A mesma observação é feita para o exemplo da Internet, classificada por Franz, Hochgerner e Howaldt (2012) como a maior inovação social dos últimos 20 anos. Sobre esta, pode-se dizer que os fins foram sociais, mas os meios foram claramente por meio de desenvolvimento técnico. Destaca-se ainda a evolução dessa inovação devido ao uso que as pessoas fazem, seja esse com fins lucrativos ou não.

A partir desses exemplos, Franz, Hochgerner e Howaldt (2012), afirmam que o que mudou nas inovações apresentadas, e que é característica decisiva da inovação social, é o fato de que as pessoas passam a fazer coisas de forma diferente devido a essa inovação, sozinhas ou em conjunto.

Pol e Ville (2009), ao discutirem se a inovação social seria um termo da moda ou algo durável, afirmam que quando o significado empírico do termo é melhor refinado, assume grande importância. Os autores ressaltam que o uso de termos soltos leva a uma falta de clareza, por isso uma terminologia aceita economiza tempo e evita mal-entendidos.

Cajaiba-Santana (2013), entretanto, argumenta que as inovações sociais são novas práticas sociais criadas a partir de ações coletivas e intencionais, o autor destaca que tais práticas são orientadas para objetivos que visam solicitar a mudança social.

Pol e Ville (2009) afirmam que, embora alguns estudiosos acreditem que toda a inovação é necessariamente social e que misturar os dois termos é algo redundante, há que se fazer a distinção entre inovação social e inovação de negócios, pois possuem características diferentes. Destaca-se, especialmente, que a inovação de negócios tem o objetivo de melhorar o desempenho da empresa e é normalmente protegida por direitos de propriedade intelectual e, conceituando inovação social, os autores afirmam que esta pode ser denominada assim por

tratar de uma ideia nova implícita, que tem o potencial de melhorar a qualidade ou a quantidade de vida. Nesse sentido, é metodologicamente impróprio misturar os dois tipos de inovação.

Phillips *et al.* (2014), entretanto, acreditam que há uma imensa oportunidade inexplorada na inovação social que poderia beneficiar empresas que desejam entregar mais valor através da Responsabilidade Social Corporativa, especialmente no que diz respeito à dinâmica estabelecida no gerenciamento da dualidade que há na aplicação de abordagem de negócios em busca de um resultado social.

De acordo com o *Centre de recherche sur les innovations sociales* (CRISES, 2014), instituição multidisciplinar canadense, atuante desde 1986, a inovação social pode ser compreendida como uma intervenção iniciada por atores sociais como o objetivo de atender a uma aspiração, necessidade, buscar uma solução ou desfrutar de oportunidades de ação para mudar as relações sociais e, através disso, transformar um quadro social ou propor novas orientações culturais para alcançar a melhoria da qualidade e das condições de vida de uma comunidade. Os membros do CRISES pesquisam a inovação social a partir de três eixos complementares: i) desenvolvimento e território, ii) condições de vida e iii) trabalho e emprego.

Observa-se nas conceituações, que há uma série de pontos de vista apontando para a definição de inovação social, bem como questões divergentes sobre o que caracteriza esse tipo de inovação. Essa construção em processo torna o conceito questionável por diversos pesquisadores e revela-se sempre como um desafio para as discussões que tratam do tema.

3 PERSPECTIVA MULTINÍVEL DA INOVAÇÃO SOCIAL

Klein, Dansereau, e Hall (1994) ao tratarem sobre a perspectiva multinível relacionada à teoria organizacional, destacam que literatura organizacional, ao tratar de questões de níveis-de-análise, ainda carece de uma terminologia amplamente aceita para descrever questões níveis, no que diz respeito ao que deve ser considerado como “nível”, pois o que há é uma abordagem a partir de termos muito gerais, que não especifica a natureza dos elementos considerados, conjuntos, membros, unidades. Entretanto, definir um nível em uma teoria não é algo tão simples, pois demanda a identificação de uma homogeneidade entre os membros de um grupo.

Conforme Diez-Roux (2002), a análise multinível é uma abordagem analítica apropriada para dados com fontes de variabilidade envolvendo microunidades que estejam aninhadas em unidades em um nível superior, ou macrounidades. Permite o exame entre o grupo e dentro da variabilidade do grupo, assim como de variáveis no nível individual que possam estar relacionadas nos dois níveis.

Bercket (2010) apresenta três estruturas sociais relevantes para a explicação de resultados econômicos: redes sociais, instituições e estruturas cognitivas. O *framework* proposto, conforme o autor, destaca o caráter complexo e possivelmente contraditório de diferentes estruturas sociais, levando para o centro das atenções, destaca espaços para a inovação que estão ancorados na organização social dos mercados, mas permanecem obscuros em abordagens que se concentram em apenas uma das estruturas entre as três destacadas.

Hitt *et al.* (2007) destacam, quanto à gestão, que diversos problemas estão na esfera multinível, mas são muitas vezes tratados em níveis simples de análise. Os autores afirmam que uma pesquisa multinível aborda os níveis de teoria, medição e análise necessários para examinar completamente questões de pesquisa.

No que diz respeito à análise da inovação social, de acordo com Cajaiba-Santana (2013), embora ganhemos muito com a construção em pesquisas anteriormente desenvolvidas sobre inovação técnica, as particularidades da inovação social necessitam de novos paradigmas e novas perspectivas teóricas para avançar.

A inovação social, por ser um conceito “em construção”, como destacado anteriormente, permite uma exploração multinível em diversos sentidos, inclusive no que diz respeito à sua própria conceituação.

A conceituação do termo inovação social é realizada de maneiras diversas e sobrepostas em diferentes disciplinas (Pol & Ville, 2009). Nesse sentido, é possível dizer que o conceito de inovação social passa por uma definição mutável, pois ainda não se chegou a um consenso sobre um significado pleno do conceito. Pol e Ville (2009) apresentam algumas dessas definições, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Definições de inovação social sob diferentes perspectivas.

Inovação Social e Mudança Institucional	Inovação social vista como o primeiro movimento para a mudança institucional.
Inovação Social e Propósitos Sociais	Melhorar a vida das pessoas quantitativa e qualitativamente.
Inovação Social e o "bem público"	Uma ideia que funciona para o bem público.
Inovação Social e necessidades não consideradas pelo Mercado	A inovação social assume necessidades ignoradas pelo mercado.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Pol e Ville (2009)

As definições de inovação social comumente acentuam a importância do trabalho coletivo para o alcance dos objetivos comuns de um grupo e o atendimento de necessidades que possibilitem aos beneficiados pela inovação uma melhoria na qualidade de vida.

Agostini e Vieira (2015), ao analisarem “vazios institucionais” que acarretam falhas no mercado e, conseqüentemente, inúmeras desigualdades sociais, propuseram dimensões de análise que podem permitir a análise de inovações sociais em uma perspectiva multinível, no sentido de buscar identificar caminhos para o preenchimento desses “vazios institucionais” através desse tipo de inovação. Os autores concluem que as seguintes dimensões são essenciais para analisar inovações sociais que preencham vazios institucionais: dimensões de contextos institucionais; dimensão de múltiplos atores; dimensão dos pilares institucionais (cognitivo, regulativo e normativo); e, dimensões da inovação social (modificar/transformar uma necessidade social; solução inovadora; implementação da inovação social; envolver atores e partes interessadas; e, resultados eficazes).

Tardif e Harrisson (2005), a partir da análise de 49 artigos de membros do CRISES verificaram diversas categorias-chave evidenciadas em pesquisas sobre inovação social. A análise dos autores proporcionou a criação do quadro “Enciclopédia conceitual do CRISES” no qual destacam-se cinco “dimensões” da inovação social (Maurer, 2011), compostas por outras subdimensões que reúnem elementos centrais para a categorização. Considerando a multiplicidade de análises possíveis a partir da composição do quadro, considera-se que o mesmo pode ser utilizado como modelo para a verificação de aspectos multiníveis relacionados à inovação social.

A partir da enciclopédia conceitual de Tardif e Harrisson (2005) pode-se considerar como uma divisão em quatro partes no processo de inovação social: nível contextual-ambiental (transformações), nível grupal (atores), nível organizacional (novidade e inovação) e nível processual (processos).

Quadro 2 – Enciclopédia conceitual do CRISES (dimensões da inovação social).

Dimensão TRANSFORMAÇÕES	Dimensão NOVIDADE	Dimensão INOVAÇÃO	Dimensão ATORES	Dimensão PROCESSOS
----------------------------	----------------------	----------------------	--------------------	-----------------------

<p>Contexto macro/micro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crise • Ruptura • Descontinuidade • Modificações Estruturais <p>Econômico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Emergência • Adaptações • Relações do trabalho/ produção /consumo <p>Social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recomposição • Reconstrução • Exclusão/ Marginalização • Prática • Mudanças • Relações Sociais 	<p>Modelo</p> <ul style="list-style-type: none"> • De trabalho • De desenvolvimento • De governança • Quebec <p>Economia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Do saber / Conhecimento • Mista • Social <p>Ação Social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tentativas • Experimentos • Políticas • Programas Institucionais • Regulamentação Social 	<p>Escala</p> <ul style="list-style-type: none"> • Local <p>Tipos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica • Sociotécnica • Social • Organizacional • Institucional <p>Finalidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bem comum • Interesse geral • Interesse coletivo • Cooperação 	<p>Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimentos cooperativos, comunitários, associativas • Sociedade civil • Sindicatos <p>Organizacionais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Empresas • Organizações economia social • Organizações coletivas • Destinatários <p>Instituições</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estado • Identidade • Valores e normas <p>Intermediários</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comitês • Redes sociais de aliança / de inovação 	<p>Modos de coordenação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Participação • Mobilização • Aprendizagem <p>Meios</p> <ul style="list-style-type: none"> • Parcerias • Integração • Negociação • <i>Empowerment</i> • Difusão <p>Restrições</p> <ul style="list-style-type: none"> • Complexidade • Incerteza • Resistência • Tensão • Compromisso • Rigidez Institucional
---	--	---	---	--

Fonte: Adaptado de Tardif e Harrison (2005) e Maurer (2011)

A respeito das cinco dimensões destacadas por Tardif e Harrison (2005), são oferecidas as seguintes descrições sobre o conteúdo de cada uma (Souza e Silva-filho, 2014):

A *Dimensão Transformações* engloba aspectos contextuais e de mudança nos níveis macro e micro. Elementos como crises, rupturas e descontinuidades são destacados como essenciais para a identificação de inovações sociais que possam gerar efeitos econômicos.

Quanto à segunda, *Dimensão Novidade*, trata de inovações que buscam responder de maneira inédita às crises identificadas, tal ineditismo relaciona-se ao contexto no qual irão emergir essas novas ideias. Identificações e experiências são conduzidas nesse processo e demandam novos arranjos institucionais. A dimensão é composto pelos elementos: Modelo adotado, tipo de Economia pretendido e Ação Social, que engloba as iniciativas.

A *Dimensão Inovação* trata dos tipos diversos de inovação que podem ser experimentados: técnica, sociotécnica, social, organizacional e institucional. Define-se ainda a finalidade a qual a inovação adotada será direcionada: bem comum, interesse geral, interesse coletivo e cooperação.

No que diz respeito à *Dimensão Atores*, a variedade de sujeitos envolvidos destaca a inovação como uma construção coletiva. Cooperação, parceria e negociações contribuem para uma boa governança que é essencial ao bom desenvolvimento e efetividade da inovação social.

A quinta e última dimensão da enciclopédia proposta por Tardif e Harrison (2005) trata-se da *Dimensão Processos*, que destaca as interações e dinâmicas estabelecidas entre os atores, que permitem contornar desafios e identificar os melhores caminhos e estabelecimento de relações que permitam a execução do processo socialmente inovador. Os modos de coordenação também são evidenciados nesse processo.

As dimensões e os elementos de composição do Quadro 2 destacam diversos níveis através dos quais a inovação social pode ser analisada, mesmo a verificação de apenas uma dessas dimensões permite a averiguação de vários níveis. Nesse sentido, acredita-se que o quando permite uma análise multinível que traz evidências importantes sobre

particularidades da inovação social. Embora não tenha utilizado a literatura sobre análise multinível, Souza e Silva-Filho (2014) destacam a identificação de um caso de inovação social utilizando tais dimensões a apresentam novos elementos emergentes dessa identificação, o que gerou novos “níveis”. Destaca-se que tal análise realizada poderia ter seguido caminhos diversos a partir do mesmo quadro referência, o que evidencia as amplas possibilidades de análise multinível, reforçando a aplicabilidade do quadro referido para esse fim.

Como destaca Diez-Roux (2002) na análise multinível, grupos ou contextos não são tratados de forma independente, mas são concebidos como proveniente de uma população maior de grupos sobre os quais inferências são feitas. Isso permite ao pesquisador lidar com o nível micro dos indivíduos e o nível macro de grupos ou com os dois contextos simultaneamente.

Franz, Hochgerner e Howaldt (2012) afirmam que a mensuração da inovação social, normalmente buscada pelo seu grau de extensão ou intensidade de aplicação, é uma tarefa difícil devido ao caráter de imaterialidade e invisibilidade desse tipo de inovação. A abordagem multinível pode também, nesse sentido, contribuir para a identificação de elementos mais consistentes que permitam essa mensuração.

Cajaiba-Santana (2013) destaca dois “níveis” de perspectivas que, integradas, buscam organizar a literatura em inovação social: perspectiva individualista, na qual os valores e atributos do agente individual compõem a força primária de causa da inovação social; perspectiva estrutural, que têm capturado a maior parte da atenção na investigação da inovação social, pois destaca que a estrutura e contexto são os maiores fatores de causalidade desse tipo de inovação. O autor propõe um framework de análise da inovação social no qual são destacados como níveis: inovações sociais intra-grupos; inovações sociais inter-grupos e inovações sociais extra grupos. Nas relações entre esses níveis discutem-se práticas institucionais, ações comunicativas, mudanças institucionais, ações legitimadas, práticas sociais, mudança social e posição de agente.

Geels (2002) propõe um *framework* que apresenta uma perspectiva multinível sobre transição tecnológica e afirma que os diferentes níveis definidos nesse tipo de abordagem não são descrições ontológicas da realidade, mas conceitos analíticos e heurísticos que visam compreender a complexa dinâmica da mudança sócio-técnica. Acredita-se que a análise da inovação social, também a partir desse modelo, pode permitir a ampliação da discussão em torno dos níveis pelos quais o conceito circula.

4 REAPLICAÇÃO DA INOVAÇÃO SOCIAL

Conforme Mulgan *et al.* (2007) a literatura em inovação social aponta como os maiores desafios da área, a sustentabilidade das iniciativas em longo prazo e a sua expansão (*scaling up*). Ferrarini (2011) destaca que a promoção da inovação social acontece por meio de tecnologias sociais através das quais é possível articular uma ampla rede de atores sociais. A autora ressalta que iniciativas em inovação social precisam ser estruturadas em modelos flexíveis que permitam sua replicação em diferentes contextos, a transferência de inovação social, nesse sentido, apresenta o desafio de adaptação e mudança, e requisita o espírito inovador permanente.

Pozzebon e Van Heck (2006) verificaram três proposições centrais para lidar com a transferência de tecnologia global: a primeira delas destaca a importância da atenção à diferença entre o contexto onde uma tecnologia ou metodologia foi desenvolvida e criada e o contexto onde se pretende replicá-la; quanto menor for o *gap* mais fácil será o esforço para a adaptação local. A segunda proposição leva em consideração relações de influência mútua, são considerados os aspectos contextuais e socioculturais, sem negligenciar o conhecimento genérico dos envolvidos no processo. A terceira e última proposição destaca que a natureza das

adaptações locais varia de acordo com cada cultura, já que as pessoas se envolvem com as adaptações locais de maneiras diferentes. Pozzebon (2014) acredita que tais proposições aplicam-se também a adaptações locais de iniciativas em inovação social.

Nesse sentido, Pozzebon (2014) propõe a adaptação, ao campo da inovação social, de um *framework* anterior, Pozzebon e Van Heck (2006), inspirado no trabalho desenvolvido por Kamil e Van Heck (2002) denominado *process/stakeholder framework*, esta proposta foi desenvolvida no contexto de leilões de flores holandesas, mas adaptado para ser aplicado em outros contextos.

Conforme Pozzebon (2014), o novo *framework* - Figura 1 - busca auxiliar pesquisadores, empreendedores sociais e gestores de projetos sociais a lidar com a reaplicação de inovações sociais em diferentes contextos, no sentido de proporcionar identificações que possam contribuir para o aumento das chances de sucesso. A autora destaca que a lógica subjacente ao *framework* proposto está no fato de que qualquer inovação social é uma atividade que envolve diferentes grupos que desejam perceber que os resultados serão justos e equitativos. Todos esses grupos devem identificar um real benefício na implementação da inovação social apresentada.

Figura 1: *Framework* para a identificação de adaptações locais de inovações sociais.

Grupos Sociais	Grupo social 1	Grupo social 2	Grupo social 3	Resultados para cada processo
Processos				
Processo chave 1				Possíveis adaptações
Processo chave 2				Possíveis adaptações
Processo chave 3				Possíveis adaptações
Resultados para cada stakeholder	Custo ou benefício?	Custo ou benefício?	Custo ou benefício?	

Fonte: Pozzebon (2014)

A aplicação do *framework* requer o atendimento a cinco etapas (POZZEBON, 2014):

Identificação dos grupos sociais relevantes que possam estar envolvidos ou possam ser afetados por uma determinada inovação social. Conforme Pozzebon (2014), um grupo social relevante pode ser constituído por pessoas que compartilham um objetivo comum, seja este político, econômico, social, cultural, etc.

Identificação dos processos-chave, aqueles essenciais para que uma inovação social possa funcionar adequadamente no contexto estudado. Pozzebon (2014) destaca que a identificação de tais processos é o maior desafio da aplicação do *framework* proposto, pois há uma dificuldade para encontrar uma maneira universal ou genérica para realizar tal identificação. De acordo com a inovação social em questão, deve-se buscar um modelo que possa ser adequado para a identificação desses processos centrais.

Identificar adaptações locais necessárias, após os grupos sociais e processos-chave terem sido identificados. Cuidadosamente deve-se avaliar o conteúdo de cada célula do quadro.

Nessa etapa é importante a realização de uma série de reuniões com cada grupo social relevante, de preferência em sessões onde todos os membros possam participar de maneira integrada. O objetivo é compreender como esses sujeitos compreendem cada processo-chave, no sentido de melhor identificar as possíveis adaptações locais e as possíveis consequências da implementação da iniciativa na vida desses sujeitos: custo ou benefícios? Como maximizar os benefícios? São questões apontadas por Pozzebon (2014) ao propor o *framework*.

Avaliar o balanço final para cada grupo social e cada processo-chave identificado após o preenchimento total do quadro. Segundo Pozzebon (2014), nesta fase, caso haja viabilidade, o pesquisador deve planejar uma nova fase de reuniões com representantes dos grupos entrevistados. Caso a realização de novas reuniões não seja possível, o pesquisador pode enumerar as possíveis adaptações para reaplicação a partir de uma previsão e, depois de feita tal identificação, buscar validação com os grupos ouvidos ou partes interessadas.

O cruzamento das informações reunidas sobre os processos-chave de acordo com os grupos sociais ouvidos possibilitará de identificação de convergências e divergências que possam impactar na reaplicação. Caso as divergências identificáveis não sejam contornáveis a reaplicação poderá ter um alto risco de falha, essa conclusão poderá ou não ser feita após a avaliação com os grupos relevantes sobre benefícios / vantagens / desvantagens ou custos, para cada grupo.

Oferecer uma recomendação final diante das identificações feitas, a análise final dos elementos do quadro indicará se há sustentabilidade para a reaplicação da inovação social no contexto analisado.

Tais identificações, feitas em momento anterior à reaplicação da iniciativa em inovação social, podem contribuir para o enfrentamento dos desafios que surgirão ao longo do processo, economizando o tempo, o esforço e o investimento empregados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou destacar uma discussão sobre a relevância da análise multinível da inovação social e os desafios para a reaplicação dessas inovações. Como destacado nas seções anteriores, a inovação social é questionada sobre suas características e objetivos, de modo que o conceito é debatido por apresentar-se muito amplo ou redundante. Da mesma forma, a análise multinível é realizada de formas muito diversas, através das quais os autores dos trabalhos que a utilizam definem elementos que serão investigados (dimensões, unidades, variáveis, segmentos, entre outros). A questão de análise da reaplicação da inovação social através de um *framework* multinível destaca também a importância de identificações contextuais no sentido de otimizar a presença de inovações sociais de sucesso em locais diversos.

Lança-se a proposição para pesquisas futuras sobre a investigação de como seria possível identificar a inovação social em uma abordagem multinível que permita uma melhor consolidação daquele conceito e a definição de níveis que possam melhor caracterizá-lo, além da análise multinível para identificar fatores importantes para a reaplicação de inovações sociais.

É possível que em um caso estudado, elementos multiníveis de inovação social diferentes possam emergir, outros já existentes possam ser identificados e complementados, contribuindo para a visualização de novas vias que permitam evoluir na discussão. Bignetti (2011) destaca o paradoxo que existe no fato de que, apesar da amplitude dos problemas e das desigualdades geradas pelas falhas do mercado, os estudos sobre inovação social ainda não representam uma parcela significativa na pesquisa acadêmica. Daí a importância de estimular a discussão nesse sentido.

No que diz respeito à contribuição prática do estudo, destaca-se a relevância de identificar, através de análise multinível, elementos que possam contribuir para a reaplicação

da inovação social em contextos diferentes, bem como entraves que podem comprometer a reaplicação.

Starik e Rands (1995) ao analisarem fatores que influenciam o grau de sustentabilidade ecológica nas empresas, afirmam que a perspectiva multinível nesse caso contribui para razões práticas e teóricas. Acredita-se, nesse sentido, que o mesmo pode ser válido para a inovação social.

REFERÊNCIAS

Agostini, M. R., Vieira, L. M. (2015). Processo de Inovação Social como Resposta aos Vazios Institucionais: Uma Análise Multidimensional. *Anais do XXXIX Encontro da ANPAD – EnANPAD. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.*

Beckert, J. (2010). How Do Fields Change? The Interrelations of Institutions, Networks, and Cognition in the Dynamics of Markets. *Organization Studies*, 31(05), 605–627.

Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14.

Cajaiba-Santana, G. (2013). *Social innovation: Moving the field forward*. An conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 82, 42-51.

CRISES. (2014). *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales. Rapport Annuel des activités scientifiques du CRISES 2013-2014*. Quebec, Canadá.

Diez-Roux, AV. (2002). A glossary for multilevel analysis. *J Epidemiol Community Health*, 56, 588–594.

Ferrarini, A. V. (2011). Dossiê: Inovação Social. *Ciências Sociais Unisinos*.

Franz, H-W., Hochgerner, J.; Howalt, J. (2012). *Challenge Social Innovation: An Introduction*. Springer-Verlag Berlin, Heidelberg, 1-16.

Geels, F. W. (2002). Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case-study. *Research Policy*, 31, 1257-1274.

Gonzalez, J. A. (2010). Diversity Change in Organizations: A Systemic, Multilevel, and Nonlinear Process. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 46(2), 197–219.

Herranz Jr., J. (2010). Multilevel Performance Indicators for Multisectoral Networks and Management. *The American Review of Public Administration*, 40(4), 445-460.

Hitt, M. A., Beamish, P. W., Jackson, S. E., Mathieu, J. E. (2007). Building theoretical and empirical bridges across levels: multilevel research in management. *Academy of Management Journal*, 50(6), 1385–1399.

Howaldt, J. & Schwarz, M. (2010). *Social Innovation: Concepts, research fields and international trends*. Dortmund: Sozialforschungsstelle Dortmund.

Kambil, A. & Van Heck, E. (2002). *Making Markets*. Harvard Business School Press.

Klein, K. J., Dansereau, F., and Hall, R. J. (1994). Levels issues in theory development, data collection, and analysis. *Academy of Management Review*, 19, 195-229.

Kwee, Z., Van Den Bosch, F. A. J. and Volberda, H. W. (2011). The influence of top management team's corporate governance orientation on strategic renewal trajectories: a longitudinal analysis of Royal Dutch Shell plc, 1907–2004'. *Journal of Management Studies*, 984-10154.

Maurer, A. M. (2011). *As Dimensões de Inovação Social em Empreendimentos Econômicos Solidários do Setor de Artesanato Gaúcho*. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

Moulaert, F. *et al.* (2013). General Introduction: the return of social innovation as a scientific concept and a social practice. In: Moulaert, Frank. *et al.* *The international handbook on social innovation : collective action, social learning and transdisciplinary research*. Northampton, MA: Edward Elgar Pub, 01-06.

Mulgan, G. (2006). The process of social innovation. *Innovations: Technology, Governance, Globalization*, 1, 145-162.

Mulgan, G. *et al.* (2007). Social Innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated. *OXFORD said Business School*. Disponível em: <<http://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/10/Social-Innovation-what-it-is-why-it-matters-how-it-can-be-accelerated-March-2007.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2015.

Nielsen, B. B. (2004). The role of trust in collaborative relationships: a multi-dimensional approach. *M@an@agemetn*, 7(3), 239-256.

Paunescu, C. (2014). Current trends in social innovation research: social capital, corporate social responsibility, impact measurement, *Management & Marketing*. Challenges for the Knowledge Society, 9(2), 105-118.

Pettigrew, T. F. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review of Psychology*, 49, 65-85.

Phillips, W., Lee, H., Ghobadian, A., O'Regan, N., James, P. (2015). Social Innovation and Social Entrepreneurship: A Systematic Review. *Group & Organization Management*, 40(3), 428–461.

Pinheiro Neto, G. F., Abreu, M. C. S. (2015). Inovação social em um empreendimento econômico solidário: alternativas para o enfrentamento da marginalização . *Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde*, 12(2), 1-18.

Pol, E. & Ville, S. (2009). Social innovation: Buzz word or enduring term? *Journal of Socio-Economics*, 38, 878–885.

Pozzebon, M. & Van Heck, E. (2006). Local adaptations of generic systems: the case of Veiling Holambra in Brazil. *Journal of Information Technology*, 21,73-85.

Pozzebon, M. (2014). The 're-applicability' of social innovations among different contexts: a provisional framework. *Working paper CRISES and IDEOS*, 8 pgs.

Souza, A. C. A. A., & Silva-Filho, J. C. L. (2014). Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense. Anais do *XXXVIII Encontro da ANPAD – EnANPAD*. Rio de Janeiro, Brasil.

Starik, M. & Rands, G. P. (1995). Weaving an integrated web: multilevel and multisystem perspectives of ecologically sustainable organizations. *Academy of Management Review*, vol. 20(4), 908-935.

Tardif, C & Harrisson, D. (2005). Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovation sociale au CRISES. In: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. *Cahiers du CRISES*. Québec, Canadá.